

A SEMANA – 222

30 de agosto de 1896*

Eis aqui o que diz o evangelista S. Marcos, X, 13, 14: “Então lhe apresentavam uns meninos para que os tocasse; mas os discípulos ameaçavam aos que lhes apresentavam. O que vendo Jesus, levou-o muito a mal, e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus.”¹ Farei como Jesus, em relação aos casos miúdos da semana, que os grandes querem abafar e pôr de lado. Nesta semana fez-se história e larga história, uma pública,² outra particular³ ou secreta, que não sei se são sinônimos, nem estou para ir agora aos dicionários; mas fez-se muita história, e ainda se fará história, ofício que não é meu.

Não é meu ofício fazê-la nem contá-la. Se pudesse adivinhá-la, sim, senhor. Já que estamos com a Itália em frente, deixem-me lembrar um grave historiador italiano do século XVI, que nada tem com os cônsules deste século em S. Paulo, e que escreveu de Savonarola o que sabemos daquele homem, mas é melhor dizer pela língua de ambos: “*Savonarola... faceva professione di antevere⁴ le cose future.*”⁵ Ah! se eu pudesse exercer o mesmo ofício! Teria contado domingo passado a semana que acabou ontem, e contaria hoje a que começa amanhã. Não iria por boatos, que geralmente não se

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 243, p. 1, 30 ago. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 263-268). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ O texto citado é o da Bíblia que Machado de Assis tinha em sua biblioteca, traduzida pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo. (BÍBLIA, 1866, p. 981 – Mc 10,13-14) Ver JOBIM, 2001, p. 41.

² O acontecimento mais importante da semana foi a questão dos protocolos italianos (1892-1898), como ficaram conhecidas as negociações diplomáticas entre Brasil e Itália para solucionar reclamações de imigrantes italianos residentes no país. Essas negociações previam o pagamento de indenizações a italianos, o que despertou a indignação de brasileiros. Para mais informações sobre os “protocolos”, ver nota 8.

³ Os três assuntos “miúdos” serão tratados a seu tempo.

⁴ *anteverer*] *anteceder* – em GN. Acolhemos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

⁵ O historiador a que se refere o cronista é Francesco Guicciardini (1483-1540). Girolamo Savonarola (1452-1498) era padre dominicano e pregador em Florença; a ele eram atribuídas supostas profecias. Consultamos exemplar da edição da *Storia d'Italia*, de Guicciardini, que Machado de Assis tinha em sua biblioteca (JOBIM, 2001, p. 43): “Girolamo Savonarola predicava in Fiorenza, ed essendo uomo di gran doltrina e spirito, con la forza della sapienza faceva professione di antevere le cose future”. (GUICCIARDINI, 1843, v. I, p. 200, nota 1); “Girolamo Savonarola pregava em Florença, e sendo homem de grande doutrina e espírito, com a força da sabedoria fazia profissão de antecipar coisas futuras”. [Trad. nossa]

realizam, nem por induções, que falham muita vez. Ouço desde pequeno (e ainda agora ouvi) que os nossos negócios se resolvem pelo imprevisito. Pois é o imprevisito que eu quisera ver como se estivesse acontecendo, e contá-lo sete dias antes. Assim os leitores aprenderiam comigo, não a história que se aprende nos ginásios e faculdades, não a que se vende nas livrarias, mas a que anda encoberta, como o céu desta semana. Desde segunda-feira, dia de S. Bartolomeu, que estamos quase sem azul do céu, pouca lua,⁶ essa mesma de vermelhão, e raras estrelas. É o futuro. A lua política também andou vermelha. Ventou de quando em quando. O céu cobriu-se. Eu quisera ter o ofício de Savonarola, apesar de italiano.

Mas não me cabendo contar os grandes fatos, deixai vir a mim os pequeninos, como pedia Jesus. Um dos mais escassos e obscuros foi a conspiração descoberta quarta-feira no Hospício dos Alienados. Alguns doidos tinham preparado um movimento para matar os guardas, abrir as portas e vir gozar cá fora o ar livre, ainda que nublado.⁷ Essa curiosa conspiração é sintoma de algum juízo. Tramar a fuga no mais ardente dos sucessos exteriores,⁸ quando a polícia era pouca para guardar a cidade, mostra que os conspiradores, ou são menos alienados do que parecem, ou andam em comunicação

⁶ lua,] luz, – em SEM1953.

⁷ No *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 240, p. 2, col. 2-3, 27 ago. 1896), lê-se: “O Sr. Diretor do Hospício dos Alienados descobriu na madrugada de ontem uma conspiração [...] [organizada] pelos loucos criminosos que se acham no hospício, tendo por fim matar os guardas e abrir as portas do estabelecimento. / Esse movimento era dirigido pelos alienados Serrão e João Garcia, que juntamente com outros foram separados e recolhidos a celas gradeadas de forma que não se entendam uns com outros e não possam fazer mal.”

⁸ Nesta semana, a questão dos protocolos italianos acirrou os ânimos entre brasileiros e italianos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 238, p. 1, col. 2, 25 ago. 1896), lê-se que a discussão dos protocolos, realizada na câmara federal, no dia 24 de agosto de 1896, despertou enorme interesse na população: “A massa popular aglomerada fora, nas proximidades do edifício [da câmara], contava-se por milhares de pessoas. Era difícil a passagem das patrulhas de cavalaria encarregadas da manutenção da ordem. A despeito, porém, dessa aglomeração [...], nenhum incidente se deu que reclamasse o emprego da força pública, ali postada para semelhante fim.” A agitação da população nas ruas (neste caso, no Rio de Janeiro) exigiu a mobilização das forças de segurança, a fim de tentar preservar a ordem pública. As reclamações italianas eram de naturezas várias. “Há reclamações com relação à quebra de contrato por parte do Governo Imperial e do Republicano; por danos em propriedades de colonos no sul do país durante a Revolução Federalista; por naturalização indesejada no ato da Proclamação da República, agressões sofridas por italianos expulsos do Brasil, quebra de contratos de trabalho por parte da Administração Pública. / Em 03 de dezembro de 1895 e em 12 de fevereiro de 1896, foram firmados dois Protocolos pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil, Carlos de Carvalho, e Roberto Magliano, Ministro Plenipotenciário, enviado ao Brasil pelo rei Umberto I da Itália. O projeto previa o pagamento de indenização aos reclamantes italianos, e despertou discussões que se prolongaram durante todo o ano de 1896, acentuadas por desdobramentos violentos. [...] As tensões culminaram no conflito de rua do dia 22 de agosto, depois que a Câmara Federal, no Rio de Janeiro, aprovava em segunda discussão, os termos do acordo. Ao saber da notícia da decisão favorável aos protocolos, a população da Capital paulista toma as ruas para protestar, queimando bandeiras e lenços com as cores da Itália. Liderados pelo Conde de Brichanteau, cônsul italiano em São Paulo, que na ocasião teria dado ‘vivas’ à Itália e ‘morras’ ao Brasil, um grupo de italianos vai às ruas se manifestar contrariamente aos paulistas. Os choques seguem intensos entre brasileiros e italianos. Os conflitos resultaram em mortes, pessoas feridas, prisões”. (SILVA, 2018, p. 16-17) Apesar de mobilização contrária, os acordos foram aprovados e as indenizações pagas. Ver ilustração ao final desta crônica.

com outros doidos cá de fora. Mas quem serão estes? Nem sempre é fácil distinguir, neste fim de século, um alienado de um ajuizado; ao contrário, há destes que parecem aqueles, e vice-versa. Tu que me lês, podes ser um mentecapto, e talvez rias desta minha lembrança, tanta é a consciência que tens do teu juízo. Também pode ser que o mentecapto seja eu.

Em verdade, não há certeza nesta matéria, à vista da sagacidade de uns e do estonteamento de outros. O melhor seria uma lei que abolisse a alienação mental, revogando as disposições em contrário, e ordenando que os supostos doidos fossem restituídos à sociedade, com indenização. Sei que, em geral, preferimos violar a lei a pôr outra nova; mas, para segurança dos hóspedes da Praia Vermelha,⁹ aconselho este segundo processo. E não só daqueles, senão também para a tua e minha segurança; podemos ir um dia para lá, sem outro recurso mais que a conspiração, que pode ser descoberta; o melhor é não ir ninguém.

Outro pequenino que há de vir a mim, é a exumação do cadáver de uma atriz.¹⁰ Correu que a atriz sucumbira em consequência de pancadas que lhe dera um ator; mas foi há tantos dias, e meteram-se tais sucessos de permeio, que eu pensei ser negócio igualmente morto e enterrado. Geralmente, a justiça, polícia ou como quer que se lhe chame, não teima tanto em perturbar o sono dos defuntos. Os próprios crimes em que não há defunto, tem-se visto seguirem o destino da Malibran, que ao cabo de quinze dias de finada já o poeta achava tarde para falar dela.¹¹ Lendo, porém, a notícia com a atenção que merece, entende-se tudo; o acusado de espancamento não queria ficar com a suspeita em cima de si, e, posto o não conheça, acho que fez bem. A sua petição foi a enxada, o instrumento cirúrgico, o auto do escrivão, o relatório médico-legal. Sem ela, é provável que a morta tivesse esperado a trombeta do juízo final, para dizer ao Senhor que ele não tinha culpa.

O que também se compreende, é que a exumação e a autópsia se hajam feito, conforme li nos jornais, diante de grande número de curiosos. Essa espécie de curiosidade não é menos legítima nem menos nobre que outras muitas. Nada mais

⁹ Local em que se situava o Hospício dos Alienados. Ver notas 1 e 4, em “A Semana – 209”, de 31 de maio de 1896, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

¹⁰ Trata-se da exumação do cadáver de Isabel Porto, atriz supostamente morta pelo ator Henrique Machado. O caso foi amplamente divulgado em jornais. Matéria publicada na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 242, p. 2, col. 2, 29 ago. 1896) diz: “Ao Dr. Chefe de polícia apresentaram ontem os Drs. Morais Brito e Cunha Cruz, peritos da polícia, minucioso relatório médico-legal sobre a autópsia praticada anteontem no cadáver da atriz Isabel Porto. / [...] [na exumação] pareceu haverem reconhecido os médicos nenhum vestígio de contusão. / Isto se confirma hoje com as respostas aos quesitos apresentados pelo Dr. Vicente Neiva, 2º delegado auxiliar, e aos que também apresentou a petição de Henrique Machado quando pediu a exumação. / [...] / À vista deste relatório, pois, fica provado que a morte da atriz Isabel Porto foi natural e devida, conforme o atestado do seu médico assistente, a uma congestão cerebral. / Está, pois, terminada a importante questão que tanto interesse despertou no público fluminense.”

¹¹ “Sans doute il est trop tard pour parler encor d’elle;” (“Sem dúvida é muito tarde para falar dela ainda;” – tradução nossa), primeiro verso do poema *À la Malibran* (1837), de Alfred de Musset (1810-1857), em homenagem a Maria Malibran (1808-1836), cantora lírica francesa. (MUSSET, 1866, t. II, p. 145)

comum que ver um cadáver em caixão aberto ou na rua. Agora mesmo viram-se alguns em telegramas de S. Paulo. Também se podem ver cadáveres no necrotério, e rara é a pessoa que ali passa, a pé, de carro ou de bonde, que não deite os olhos para o mármore, a ver se há algum corpo em cima. Exumações e autópsias é que não são comuns, mormente de pessoas conhecidas; e se estas são atrizes, cresce naturalmente o gosto do espetáculo. É ainda um espetáculo, sombra do *Rio Nu*,¹² sem as calças de meia que a verdadeira peça ainda usa, dizem. As feições é que não conservam a frescura dos últimos instantes; a morte é uma velha careta. Mirar assim a pessoa desenterrada pode causar a princípio certa impressão de aborrecimento, mas passa logo.

Venha agora a mim outro pequenino, – ou pequeníssimo, para falar superlativamente. Venderam-se trezentas e tantas ações da Companhia Saneamento, a vintém cada uma. Vintém ou vinte réis, se preferis a fórmula oficial. A razão de tal preço explica-se bem, considerando que as ações da companhia podem ser antes bentinhos de saneamento que livram da febre amarela, trazidos ao pescoço. O dividendo não é em dinheiro, mas em saúde; e, se é verdade que destes dois bens o primeiro está em segundo lugar, e o segundo em primeiro, como querem o meu velho¹³ Schopenhauer e todos os velhos e moços de juízo,¹⁴ vale mais o bentinho que a apólice. Os estudos higiênicos feitos este ano parece que nunca concordaram na questão do lençol de água.¹⁵ Ora, não se sabendo ao certo onde está o mal nem o remédio, é justo pedir este ao céu, e distribuir ações a vinte réis, para chegar aos pobres.



¹² *Rio Nu*: comédia musicada de Moreira Sampaio (1851-1901). Foi representada no Recreio Dramático em 4 de abril de 1896. Foi também impressa no mesmo ano. Francisco Moreira Sampaio foi empresário no Teatro Apolo, membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, poeta, jornalista e teatrólogo. (SOUSA, 1960, v. II, p. 473-478)

¹³ velho] belo – em SEM1953.

¹⁴ Schopenhauer (2002, p. 8): “Em especial, a saúde supera tanto os bens exteriores que, em verdade, um mendigo saudável é mais feliz que um rei doente.” [Tradução de Jair Barboza]

¹⁵ A “questão do lençol de água” foi muito debatida naquela década, pela crença em sua relação com a insalubridade da capital. Havia pouco conhecimento sobre a matéria: tanto sobre o lençol freático como sobre sua relação com os surtos epidêmicos. Aos poucos, passou-se da dúvida sobre sua existência (*Jornal do Commercio*, ano 75, n. 172, p. 1, 20 jun. 1896) e de sua origem no mar (*Jornal do Commercio*, ano [6]9, n. 188, p. 2, 8 jun. 1891; e *Gazeta de Notícias*, ano XVII, n. 189, p. 3, 9 jul. 1891) à conclusão de que ele se situava muito próximo à superfície da terra (*Jornal do Commercio*, n. 208, p. 2, 28 jul. 1890) e acima do nível do mar (*Jornal do Commercio*, ano [6]9, n. 188, p. 2, 8 jun. 1891). Enquanto o debate acontecia, o controle dos surtos epidêmicos sazonais continuava sem solução. Um longo relatório apresentado ao prefeito municipal pelo presidente da Comissão do Saneamento do Rio de Janeiro, dr. Manuel Vitorino Pereira, foi publicado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 258, p. 2-3, 14 set. 1896) – cerca de 15 dias depois da publicação desta crônica.



Conflito entre brasileiros e italianos

[Brasileiros atacam italianos em São Paulo, em 22 de agosto de 1896, no Teatro São José, durante apresentação da Companhia italiana de Teatro Emanuel e Rossi.]

FONTE: *La Tribuna*, ilustração de Zaniboni e Romagnoli, 18 set. 1896.

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Desordem_em_Sao_Paulo.jpg>

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 243, p. 1, 30 ago. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14821>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA sagrada. O Velho e o Novo Testamento traduzidos em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de Harrison e Filhos, 1866.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GUICCIARDINI, Francesco. *Storia d'Italia*. Milano: Boroni e Scotti, 1843. v. I

JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.

MUSSET, Alfred de. *Oeuvres complètes: Poésies*. Paris: Charpentier, 1866. t. II.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, Marcos Rafael da. *Os protocolos italianos (1892-1898)*. 2018. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06092018-150804/pt-br.php>>.

SOUSA, José Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2v.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.